

A escolha por este congresso deve-se ao fato deste ser considerado no *ranking* nacional, o maior congresso em Design no Brasil, e também por ter participação e visibilidade para a área internacionalmente. Também, salienta-se que o congresso é um espaço qualificado para a difusão, trocas e debates sobre investigação do campo do design, se configurando assim, em intercâmbio das pós-graduações, iniciação científica, egressos, profissionais, empresas e instituições.

A escolha pela temática pesquisada vale-se pelas indicações de autores, que apresentam a economia como sendo orientação imprescindível para o campo do design.

Com os resultados obtidos, foi possível identificar por meio da pesquisa, o interesse no tema abordado, as principais instituições que mais publicaram, a região com representação mais significativa, o eixo de maior representatividade com abordagem no assunto, outros países envolvidos na temática.

## ECONOMIA PARA O DESIGN

Neste trabalho buscou-se compreender quais artigos tratavam da economia, sob a ótica de Redig [3], que define que no processo industrial;

Custo é um parâmetro constante para orientação do Design. A racionalização da produção permite ao Designer reduzir o custo do produto essencial. O custo do produto depende de sua produtividade, para o Design, o Custo é economia [...]. E mesmo sendo um dado objetivo, resultante de valores quantificáveis o custo não é um dado facilmente manipulável, considerando que o preço do produto não corresponde exatamente ao que ele custa, mas é determinado por instáveis leis mercadológicas [3] (p.30).

Segundo o autor [3] a década de 60, foi marcada pelo início da organização do pensamento do Design no Brasil, sendo a ESDI – Escola Superior de Desenho Industrial, a precursora no campo do Design.

O autor relata que na ESDI, utilizava-se como metodologia, os princípios clássicos “Forma,

Função e estrutura”. Sendo esta a metodologia fundamentada no tripé do design.

Como o Brasil, no momento em que a ESDI foi iniciada, era um país considerado pobre, e sendo as metodologias trazidas da Europa, exigiu-se uma reavaliação destes, para então ser reformulados, principalmente no campo economia.

Afirma o autor [3] que a redefinição acontece a partir do;

Confronto entre o racionalismo funcional (e mesmo social) que nos vinha da Bauhaus, para a ESDI, via Ulm, com a realidade nacional que nos vinha do Brasil, para a ESDI, via Lapa [3] (p.31).

Pautando-se neste referencial, toma-se como princípio um conjunto de fatores considerados simultaneamente necessários à caracterização do Design, que o autor determina como sendo:

[...] para um hexágono, mais abrangente, de ângulos abertos, que acrescenta os três primeiros (Forma, Função e Economia), os conceitos “Homem”, “Indústria”, e “Ambiente”, estendendo o termo “Função” para “Utilização”, e objetivando o termo “Economia” para “Custo”, para completar o âmbito, a meta, desta abordagem [3] (p.17).

Neste estudo, o autor [3] faz novos desdobramentos, procurando elucidar estes conceitos, conforme verifica-se no quadro abaixo:

<b>Homem</b>	<b>Usuário, necessidade, sociedade</b>
<b>Forma</b>	Percepção visual, estética, informação.
<b>Utilidade</b>	Funcionalidade, uso, comunicação.
<b>Indústria</b>	Seriação, máquina, tecnologia.
<b>Custo</b>	Racionalização, produtividade, economia.
<b>Ambiente</b>	Sistema, harmonia, recursos naturais.

Adaptação dos autores, 2015.

Assim, para este estudo nos deteremos ao parâmetro “custo”, seguindo primeiramente as indicações do autor [3] e sequencialmente amparando em outros autores que também